

OPINIÃO

Oceania Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

Diretor Presidente

Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente

Ari Cunha

Diretor Gerente

Evaristo de Oliveira

Diretor
Executivo

João Augusto Cabral

Diretor de
Redação

Ricardo Noblat

Diretor
Comercial

Maurício Dinepi

Diretor
Industrial

Oswaldo Abílio Braga

Diretor Administrativo
e Financeiro

Cláudio Renato Bastos

Otimismo conseqüente

Em seu discurso de final de ano, o presidente Fernando Henrique mostrou-se otimista quanto ao futuro. Tem motivos para isso: a inflação é a mais baixa dos últimos 38 anos e o nível de consumo nas camadas sociais mais modestas aumentou, o que prova que se conquistou algum nível de distribuição de renda.

O Plano Real, no entanto, carece ainda de consolidar-se. Depende de reformas estruturais que estão em curso no Congresso. Muitas, de vital importância, já foram obtidas: as quebras de monopólios estatais do petróleo, das telecomunicações e da navegação de cabotagem, além da ampliação do conceito de empresa nacional.

Faltam, porém, outras, que não podem ser desprezadas, sob pena de comprometer os sacrifícios até aqui feitos: as reformas previdenciária, tributária e administrativa. Elas compõem o processo de remodelação global do Estado brasileiro, cuja crônica ineficiência está na base de grande parte dos transtornos hoje vividos pelo contribuinte.

É natural (e salutar) que haja resistências no Congresso às propostas do governo. Questões como Previdência Social ou impostos mexem com as estruturas da cidadania. Não podem ser decididas sem amplo debate. O que não pode acontecer, da parte dos partidos, é a exploração política das di-

ficuldades, em busca de dividendos fisiológicos junto ao governo.

A boa notícia dada pelo presidente é a de que, com a queda da inflação, o governo começa a investir mais na área social. Na área da educação, uma de suas prioridades, já não falta, segundo ele, merenda escolar. Professores estão sendo treinados em todo o país e os alunos de primeiro grau da escola pública vão receber livros de graça.

Em outra área prioritária, a saúde, registram-se também progressos, segundo o presidente. A meta inicial era gastar, no setor, até o final do mandato do atual governo, US\$ 80 por brasileiro. Ao fim do primeiro ano, porém, esse gasto já chegou a US\$ 83.

Há muito por fazer e o presidente felizmente não o desconhece. Boa providência é colocar, no primeiro plano dos debates nacionais, questões efetivamente relevantes para a sociedade. Questúnculas políticas, que refletem tão-somente o choque de ambições e não o interesse público, devem ser reduzidas à sua real insignificância.

Que o Brasil é viável, não há dúvida. O desafio, porém, é mobilizá-lo em torno de pessoas e propostas de credibilidade. A grande façanha do Plano Real, mola mestra do governo Fernando Henrique, foi tê-lo conseguido. Esse patrimônio não pode ser comprometido sob nenhuma hipótese.